



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Editoração, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico Talhava — Lisboa • Telefone 5339
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

O aumento do preço do pão

O proletariado protesta contra os três tipos por considerar esse regime uma nova burla para o consumidor pobre

Deve entrar em vigor na próxima terça-feira a nova lei que institui três tipos de pão ao preço de 2800, 562 e 540 centavos, respectivamente pão de 1.º de 2.º e 3.º.

Por esta lei é mais uma vez burlada a classe trabalhadora. O pão de 3.º a 540 centavos será intragável e manipulado em tão ínfima quantidade que obrigará o povo a comprar o de 2.º ao preço de 562 centavos.

Pode-se pois afirmar que o pão vai aumentar de preço, e um aumento não pequeno: 22 centavos ou seja onze vintens. Com mais este encargo não podem arcar os minguados salários que os trabalhadores autênticos.

A nova lei é pois uma afronta lançada ao rosto dos trabalhadores e é tanto mais afrontosa quanto é certo que esse aumento do pão só serve para beneficiar os heróis dos 50 milhões e quejando que só quem predomina nesta sociedade iníqua onde as leis são feitas só para os beneficiar.

Não obstante, a Moagem quer mais ainda. Os moageiros do Norte dizem que na cidade do Pórtor não pode ser vendido pão do segundo tipo ao preço de 562 centavos, como está estabelecido, por várias razões entre as quais a do preço do combustível que ali é muito mais elevado que em Lisboa. Quanto aos dois outros tipos estão de acordo...

Contra mais esta extorsão à bolsa do consumidor, contra mais este agravamento à vida dos que trabalham, a organização operária começou já a manifestar-se.

O Conselho de Delegados da U. S. O. volta a reunir depois de amanhã, terça-feira, pelas 21 horas, a fim de continuar a ocupar-se da criação dos três tipos de pão.

A Federação da Construção Civil vai distribuir um manifesto convocando todos os operários da indústria a prenunciarem-se inicamente contra mais este assalto à bolsa do público e o Sindicato Único da mesma indústria vai também, depois de amanhã, terça-feira, realizar uma sessão em que será resolvido qual o caminho a seguir.

Igualmente, afim de tratar da magna questão do pão, reúne hoje pelas 11 horas, o conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários de Almada na Associação dos corticeiros, em Mutela.

A Direcção da Associação dos Empregados de Escritório, já na sua reunião de ontem aprovou a forma como o governo, mancumentado com a moagem, nos quer impôr uma nova tabela de preços de pão, criando três tipos, que nada beneficia as classes trabalhadoras, antes pelo contrário as prejudica, lavrando o seu protesto contra esta extorsão à bolsa do público, por quanto a moagem, servindo os truques já sobejamente conhecidos, fará escancar o pão de 3.º qualdade.

O ASSASSINIO DE MACNO

A notícia do assassinio de Macno foi comunicada deste modo pela *Ordine Nuovo*, de Turim, de 13 de Setembro de 1919 e Fevereiro de 1920.

O nome de Macno tornou-se famoso na Europa ocidental especialmente pelo *relâmpago* feito pela imprensa anarquista. Era um aventureiro. Com a ação dos seus bando impedi por muito tempo que fosse iniciado o trabalho de reorganização económica da Ucrânia, provocando assim novos sofrimentos e privações às massas populares, que se tinham libertado do jugo de Denikine e Wrangel. Vivia rodeado de piores elementos saídos do *bas-fond* das cidades meridionais da Rússia; foi vítima do seu próprio metódico político, a que faltava uma orientação e uma base, e que não podia terminar senão no bandoleirismo e na destruição permanente.

Um comentário que não hesitamos em classificar de torpe e de canibal. Revela bem o ódio teológico, que temido desde Marx todos os aspirantes a ditadores sobre o proletariado, contra aqueles que, em vez disso, desejam o proletariado livre de toda a ditadura assim como de todas as explorações. É o mesmo espírito rancoroso dos cristãos ortodoxos contra os heréticos, que não se derrotaram senão no bandoleirismo e na destruição permanente.

Macno morreu, agora que já não meteu de ninguém, devia-se ser mais justo para com ele. Não senhores! insulta-se o seu cadáver, e chama-se-lhe «aventureiro» rodeado de malfeitos, etc., etc. Todavia, por várias vezes, os próprios órgãos bolchevistas fizeram a apologia de Macno, que foi o verdadeiro libertador da Ucrânia; o único que durante a ocupação alemã, enquanto Lénine «mordia o freio» de Mirbach, soube capitular as guerrilhas contra as forças de ocupação, defendendo os camponeses contra as explorações alemãs; e que sem o qual não teriam sido derrotados Korniloff, Denikine e Wrangel. Esquece-se que Macno foi o libertador da Crimeia, o primeiro que lá entrou, e que abriu as portas aos bolchevistas.

Voltaremos só re este argumento — argumento de importância para um governo que se diz socialista e revolucionário — com argumentos e dados de factos incontestáveis. Por agora, contentamo-nos em lembrar à *Ordine Nuovo* que não passou ainda um ano, que toda a imprensa bolchevista russa e estrangeira elogiou Macno, e que a própria *Ordine Nuovo*, quando ainda era quinzenal, se viu obrigada a reconhecer em Macno uma das personalidades mais notáveis da Ucrânia, exercendo um grande ascendente sobre as massas, uma alma ardente e sincera, um que

prestou grandes serviços à revolução nos momentos de maior perigo (Dezembro de 1919 e Fevereiro de 1920).

Não é mau recordar que o governo bolchevista, em presença do parque de Wrangel, fez um verdadeiro tratado de paz e de colaboração com Macno. Mas os factos foram pelo governo de Moscova postos de parte, apenas o perigo desapareceu (Macno tinha pedido a autonomia dos países meridionais e a liberdade de organizar a seu modo a própria vida colectiva). Foi de novo imposta a Macno a submissão ao governo de Moscova, e como ele recusou, foi considerado inimigo, bandoleiro, aventureiro, etc., pois que para todos os governos são bandoleiros e aventureiros os que se revoltam contra o seu regime.

Nós não somos doutrinários nem feiticeiros. Não nos importa que uma da coisa tenha sido dita ou feita por Bacunine ou Marx, Angiolillo ou Adler, Lénine ou Macno, etc. O que nos importa é que a coisa seja boa, ou que pareça tal. Não temos chefes, e não somos nem marxistas nem bacuninistas, nem leninistas ou maconistas.

Defendemos a obra de Macno contra a difamação bolchevista; mas não porque estes estavam dispostos a exaltá-la em bloco, e a louvá-la incondicionalmente. Quando se tratou dum critica honesta, também estavam dispostos a fazê-la.

Nem toda a obra de Macno pode ser aceite por nós, debaixo do ponto de vista anarquista.

Nos dois últimos congressos dos anarquistas da Ucrânia foi bem notório haver uma diferença entre a tática marxista e a tática anarquista propriamente dita. Esta é uma outra questão. Uma coisa é discutir um sistema ou um facto, uma outra é difamá-lo. E os bolchevistas não discutem doutrina; caluniam simplesmente Macno. Eles sabem, por exemplo, que por causa da grande popularidade que Macno tinha alcançado na Ucrânia e em geral na Rússia meridional, muitos que nada tinham com ele se aproveitavam do seu nome, e entre estes não faltava gente de má fé ou aventureiros.

Macno, porém, muitas vezes chamou a atenção para isto, e é desonesto fingir ignorá-lo.

Estamos certos que, quanto mais o tempo for passando, o nome de Macno irá resurgindo, cada vez mais com uma luz mais viva. Recordam aquelas que o caluniam «pôr ordem superior» que, enquanto Lénine e Trotski estavam na Suíça, Macno estava na prisão na Sibéria, por ter agido por factos e não em teoria contra o regime tsarista.

Ele ficará como um herói da revolu-

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AINDA O CONGRESSO DOS CAIXEIROS

Impressões do delegado de Santarém acerca do espírito reaccionário de Viseu

A volta para Lisboa, no rápido que do pão, que polvor, com o que no Congresso se disse e que Viseu ouviu. Este para lhe dizer que no Grémio Alberto Sampaio os sócios desta agremiação lugar a um canto de uma carruagem, são tão respeitadores da liberdade

Vinhamos um pouco massados da de pensamento que, quando se tratou longa viagem, e das emoções daqueles de decidir se o nosso Congresso devia

Os outros passageiros dormitavam, ou não ser na sua sede realizada, che-

Sós, acordados, a despeito do can-

saço, silenciosos, entregavam-nos às que desejavam que o Congresso lá

se realizasse, e que tendo-se empata-

por duas vezes a votação que havia

o acaso, fez pender a boa sorte para o lado dos congressistas.

Então Fragoso — perguntámos-nós,

— Da paisagem trago-as excelentes

— disse o delegado de Santarém — dos homens, tirando meia dúzia de camara-

— Tristes porque?

— Porque encontrei em Viseu uma in-

genuidade (ingenuidade não é esse o

que se me aperta o coração ao lembrá-

— Conta-nos lá isso, homem! — dissemos ávidos de trocar impressões, desejos de sacudir o nosso espírito o aborrecimento que nos envolve quando, dada dum viagem longa, voltamos à banalidade, ao «sempre o mesmo», da vida de Lisboa.

— Anteontem quandorebentou aquela trovoada formidável sobre Viseu, era eu, dos congressistas, o único que estava no hotel.

— Reparei com espanto que a cozinhada e as mulheres que a ajudam fugiam alucinadas para um canto, murmurando frases incompreensíveis. Intrigaram-me aquelas evoluções estranhas, assombrando a porta da cozinha e perguntei:

— Respondeu-me a cozinheira: «Ah, se que grande desgraça, que grande desgraça!» «Mas que aconteceu?» inquiri de novo. «Esta trovoada — lamurhou a velhota — tudo isto são castigos de Deus. E nós que não fizemos mal nenhum!...»

— Lá ficaram resendo a Santa Bárbara para que levasse o castigo para longe, para terras onde não usasse dano a crias.

— Calou-se o nosso amigo. Cada um de nós mergulhou novamente nas suas recordações. Nós pensávamos na forma como os padres conseguiram desvirtuar o critério de justiça e lamentámos que as pobres mulheres em vez de se revoltarem contra um castigo injusto

— Deus feroz, lhe pedissem humildemente perdão de faltas que não haviam cometido.

— A cantilena do comboio, sempre embaladora e triste, quasi nos adormecia. A chuva murmurava melancolicamente nos vidros bagos da janela.

— e da liberdade posto ainda mais alto pela morte.

i. f.
(Da «Umanità Nova» de 17 de Setembro de 1921).

SOLIDARIEDADE PARA COM OS RUSSOS

Nos homens livres e humanitários

Neste momento em que a Rússia se debate com uma tremenda crise económica, provocada principalmente pelas difi-

culdades que lhe criaram os governos dos

outros países, impõe-se a solidariedade de todos os trabalhadores manuais e intelectuais para com o povo Russo.

Defendemos a obra de Macno contra a difamação bolchevista; mas não por-

que estes estavam dispostos a exaltá-la em bloco, e a louvá-la incondicionalmente.

Quando se tratou dum critica honesta,

— e da liberdade posto ainda mais alto pela morte.

i. f.
(Da «Umanità Nova» de 17 de Setembro de 1921).

SOLIDARIEDADE PARA COM OS RUSSOS

Nos homens livres e humanitários

Neste momento em que a Rússia se debate com uma tremenda crise econômi-

ca, provocada principalmente pelas difi-

culdades que lhe criaram os governos dos

outros países, impõe-se a solidariedade de

todos os trabalhadores manuais e intelectu-

ais para com o povo Russo.

Defendemos a obra de Macno contra a

difamação bolchevista; mas não por-

que estes estavam dispostos a exaltá-la em

bloco, e a louvá-la incondicionalmente.

Quando se tratou dum critica honesta,

— e da liberdade posto ainda mais alto

pela morte.

i. f.
(Da «Umanità Nova» de 17 de Setembro de 1921).

SOLIDARIEDADE PARA COM OS RUSSOS

Nos homens livres e humanitários

Neste momento em que a Rússia se debate com uma tremenda crise econômi-

ca, provocada principalmente pelas difi-

culdades que lhe criaram os governos dos

outros países, impõe-se a solidariedade de

todos os trabalhadores manuais e intelectu-

ais para com o povo Russo.

Defendemos a obra de Macno contra a

difamação bolchevista; mas não por-

que estes estavam dispostos a exaltá-la em

bloco, e a louvá-la incondicionalmente.

Quando se tratou dum critica honesta,

— e da liberdade posto ainda mais alto

pela morte.

i. f.
(Da «Umanità Nova» de 17 de Setembro de 1921).

SOLIDARIEDADE PARA COM OS RUSSOS

Nos homens livres e humanitários

Neste momento em que a Rússia se debate com uma tremenda crise econômi-

ca, provocada principalmente pelas difi-

culdades que lhe criaram os governos dos

outros países, impõe-se a solidariedade de

todos os trabalhadores manuais e intelectu-

ais para com o povo Russo.

Defendemos a obra de Macno contra a

difamação bolchevista; mas não por-



A cidade de Viseu vista a correr

Impressões rápidas do enviado especial de A BATALHA acerca da arte, do povo, das mulheres, da paisagem e do ambiente social

O VALE DO VOUGA

Geminho de maravilha que conduz o viandante a Viseu

A feira Franca

As farturas revolucionárias... — A arte popular na louça negra regional

Só fomos uma vez à Feira Franca, que em Viseu é um acontecimento emocionante. Nós gostamos imenso das férias de província. Aquela bulício constante dos que pretendem divertir-se entusiasmam-nos. Se o tempo não escasseasse e a trovada não nos estragasse as tardes, obrigando-nos a ficar em casa, entregues à leitura hipnótica das gazetas, nós teríamos ido algumas vezes à Feira Franca, tirar ao pí-pam-pum e dar alguns tiros de espingarda nos cacos de barro que passam atrevidos e provocantes, movidos por engano oculto no fundo das barracadas.

Quando entramos numa barraca de lona e pedimos farturas, tivemos a impressão de que nos encontrávamos em Lisboa, na Feira de Agosto, que se realizava na Rotunda.

A Rotunda lembrava-nos revoluções e as revoluções lembravam-nos a política rasteira dos homens da república que, à força de intriga e de pândegas, conseguiram arranjar o lindo déficit de 300 mil contos por ano.

Comemos as farturas que nos sabiam das farturas de Lisboa, farturas... de zaraças, de revoluções e de fome.

Demos em seguida uma volta pela Feira e admirámos as lojas de brinquedos que só o encanto das crianças e a tortura dos pais pobres.

O que distingue a Feira Franca de Viseu das banais feiras que antigamente se realizavam em Lisboa com frequência é a louça regional. Aqui se verifica o gosto artístico do povo. A arte popular, na Beira, é profundamente tradicional.

As bilhas elegantes, de formas pesadas, lembram os bustos desenvolvidos das lindas mulheres viseenses. Parece que os artistas ignorados reproduzem os objectos a própria essência da natureza. A arte é, quando vinda do povo, qualquer coisa de grandeza, imponente e irresistível, que vem não sabendo de onde e que pretende não saber o que.

Há anforas de linhas voluptuosas que abrem acariciar com a vista; existem bules de formas sinuosas, bem lançadas, que nos dizem coisas misteriosas; chávenas pequeninas, para chá, de base resumida e boca larga.

Há geralmente de barro negro, como se fôra queimado pelo sol do Equador.

Contemplámos por algum tempo um desses serviços de chá de louça negra e bule e fantasias — sempre sonhadores e idealistas — uma noite de chuva e temporal, passada no lar quente, de temperatura amena, junto duma viseira carinhosa, b-bendo um chá reconfortante por essas chicanas negras, que poriam uma mancha escura sobre a lâmpada acesa.

O AMBIENTE SOCIAL EM VISEU

Os trabalhadores de Viseu ainda não tem espírito associativo

Para se conhecer o ambiente social que envolve uma cidade, é necessário proceder-se a um estudo metódico e demorado. Não o pudemos fazer nos breves dias que em Viseu passámos.

As nossas observações rápidas, feitas ad-hoc, não nos permitem dizer com segurança absoluta que Viseu é isto, que é aquilo.

Apanhámos no ar, como é costume dizer-se, o pouco que nesta página deixamos gravado, mas como recordação do que como estudo profundo.

Quizemos, ao chegar a Viseu, saber o que era o pobre, como vivia, como pensava e ao que aspirava. E, em poucas palavras, as nossas impressões acerca do povo viseense resumem-se neste: o povo de Viseu é ignorante, viva mal, pensa mal e não aspira a coisa nenhuma.

E como podemos chegar a estas conclusões? Não foi difícil.

Para saber como vivia, bastou-nos saber quanto ganham em média os que trabalham e quanto necessitam gastar. Apurámos que os trabalhadores ganham pouco e que para viver precisam de gastos.

Uma manhã fomos dar uma volta pelo mercado. E' este banal como todos os mercados. Mulheres, sentadas junto de largas canastras plenas de fruta e de hortaliças, ralavam a paciência às donas de casa que apreciam o necessário para o jantar exigido.

Em vários pontos vendia-se peixe e os gêneros indispensáveis à vida caseira.

Porque é que o povo vive mal?

O amigo que nos acompanhava nessa peregrinação pelo mercado era de Viseu e a ele fomos perguntando os preços dos gêneros.

— Quantos custa isto? — perguntámos.

Eram batatas.

O nosso amigo respondeu:

— Três tostões cada quilo.

— A como se vende o azeite cá em Viseu? — inquirimos.

— A 3840 e a 3800.

E assim nos fomos informando dos preços de tudo.

Impressões rápidas do enviado especial de A BATALHA acerca da arte, do povo, das mulheres, da paisagem e do ambiente social

MULHERES DA BEIRA

Lindas sem saber que o são, carinhosas e boas cosinheiras...

Estivemos em Viseu há seguramente três meses. Estava então a linda cidade em festa. Círcos dumas semanas gastámos, nessa ocasião, a percorrer a Beira, a espreitar a Sé de Viseu e a olhar à pressa a paisagem plena do sol escaldante de Junho, que queimava a seara loira dos campos e tirava reflexos violentos à casaria branca amontoada entre vereduras ameias. Lembras-nos de er dito então que não ficámos conhecendo a Beira é muito menos Viseu.

O Congresso Beirão arrastava à Beira muito lisboeta frívolo que não vê nem deixava ver. As festas de Junho, as procissões de Santo António, a visita de algumas centenas de pessoas extramuros, indiferentes ao resto, não querendo olhar a montanha alta que sobe até lá, onde as nuvens brancas e imensas encham o céu azul do horizonte, não vendo a ermidinha branca e pequenina-Senhora do Castelo — que do pico daquele monte contempla e domina.

Eles, os amantes felizes, não se interessam pelas encostas floridas nem pela vegetação exuberante. As aves espelham-nos e cantam o cimo dos morros, As nuvens fosas de algodão, marchando o manto azul do céu sereno, veem desde o fundo longínquo do horizonte vasto, pairando sobre a ondulação elegante das montanhas, que desencontradas e sucessivas, vestem orgulhosamente, de cinzento, umas, de verde claro, do roxo das florinhas serranas de azul nuboso batido pelo sol magnífico, outras, tódas entrelacadas — as nuvens, folhas de algodão, tornando formas caprichosas, seem também silenciosamente contemplar, lá de cima, a estrada branca e o rio ameno, que se beijam e que se separam.

Mal desembârcamo-nos em Viseu o nosso primeiro olhar foi para as formas femininas e elegantes que atravessavam as ruas estreitas da cidade, que assomavam as janelas, atraídas pelas vozes ruidosas e alegres dos congressistas.

A nossa impressão foi realmente agradabilíssima. A mulher de Viseu é retada e simples, sedutora sem saber que é sedutora, graciosa e languida.

Estatura mediana, formas elegantes, corpo flexível, andar lesto, busto largo e bem lançado, a viseense lembra aquelas estátuas gregas, que, apesar dos séculos que por elas passam, conservam a sua imortal beleza e sua beleza juvenil, que encantam.

A cutis clara, as feições correctas, a boca breve e vermelha, sempre húmida, os olhos escuros e acariciadores, o cabelo castanho, formam um conjunto harmônico e simpático, que entusiasmaria um pintor.

Não são meninas de salão, as viseenses — informa-nos um amigo — mas se quizerdes encontrar a mulher que embelheça o lar, que não abandona o leito do doente, que encanta o marido e o desvia dos maus caminhos procurando e escolhendo, que dificilmente encontrares alguma que não possa os requisitos da boa dona de casa.

Eles preparam dores, mais doces que os beijos de mãe...

Os poetas dedicam-lhes poemas e os rapazes cantam-lhes a graça

Não nos admira, pois, que os poetas lhe dedicam poemas e que, pelas noites de luar, os rapazes cantem ao som de guitarras dolentes a sua graça.

Se o feijão branco com nabiças fôr

que as mãos brancas, pequeninas e delicadas das mulheres adoráveis da cidade de Viseu sabem preparar uns doces, mais doces do que beijos... de mãe, é uma verdade que o autor das linhas já teve a felicidade de verificar.

— Não é aquilo? — preguntámos a um jovem que nos acompanhava. Ele mexeu os lábios levemente, dumha forma quase imperceptível. E nós compreendemos entanto a palavra que ciciára:

— Jogo.

— Viseu possui, portanto, a luz eléctrica e o Salão Iris.

A luz é benéfica porque ilumina as coisas; o Salão Iris é prejudicial porque inutiliza os espíritos.

Quando chegámos à cidade mais bela do centro da Beira Alta, duas qualidades de papéis se nos deparam: jornais monárquicos e reclamas do Salão Iris.

Os jornais monárquicos embatam as inteligências claras e sãs, avivam preconceitos, robustecem sentimentos fal

cozinhar com o mesmo cuidado e pericia então — gentis viseenses — monta scote em Lisboa e ensina Portugal a fazer sôpô. Vinde aos quintos andares a rua dos Fanqueiros e aos prédios novos das novas avenidas e dizei às listas pintadas, perfumadas e podarcadas que os seus bordados e os suspensos sensuais, dirigidos aos meninos ricos; que as suas preocupações de moda os seus "fox-trots Barrabás", são ninfarias que aborrecem. Vinde a Lisboa, meninas de Viseu, ensinai estas estouvadas a preparar um bom prato de carne guisada com batatas...

— Viseu, nos seus prospectos que,

se em vez de pregárem o vício, recomendassem o sindicalismo revolucionário e regenerador, seriam imediatamente apreendidos, dizem assim o vian-

do curioso:

— Amigo, se em lugar de procurares nos colchões fôfos o sono reparador, quizeres passar uma noite agradável, palpando mulheres bonitas, dansarinas de vila suja, lindamente aparelhadas nos seus vestidos caros, vai até ao Sa-

lão Iris.

O vian do curioso aproveita-se das horas mortas — horas a que Viseu dorme, medrosa, dos espíritos impuros que ao soar as doze badaladas no relógio da catedral, passam na sombra, arrastando cadeias ruidosamente — e vai, pé a pé, ao Salão Iris.

E o viandante curioso aproveita-se das horas mortas — horas a que Viseu dorme, medrosa, dos espíritos impuros que ao soar as doze badaladas no relógio da catedral, passam na sombra, arrastando cadeias ruidosamente — e vai, pé a pé, ao Salão Iris.

O vian do curioso aproveita-se das horas mortas — horas a que Viseu dorme, medrosa, dos espíritos impuros que ao soar as doze badaladas no relógio da catedral, passam na sombra, arrastando cadeias ruidosamente — e vai, pé a pé, ao Salão Iris.

Nós também fomos ao Iris — passar a noite agradável... E vimos tudo isto e mais alguma coisa.

Mais alguma coisa encontrava-se num dos compartimentos recatados. A nossa curiosidade levou-nos a comer a indiscrète de levantar um reposteiro pre-

sado. Espreitámos. E vimos muitos homens estúpidos de aspecto integralista,

abracados às talas dansarinhas que não dançam, antes fazem bailar a cabeça louca dos filhos de família...

Nós também fomos ao Iris — passar a noite agradável... E vimos tudo isto e mais alguma coisa.

Mais alguma coisa encontrava-se num dos compartimentos recatados. A nossa curiosidade levou-nos a comer a indiscrète de levantar um reposteiro pre-

sado. Espreitámos. E vimos muitos homens estúpidos de aspecto integralista,

abracados às talas dansarinhas que não dançam, antes fazem bailar a cabeça louca dos filhos de família...

Quantos dias durarão os trabalhos do Congresso?

Cerca de dez, que serão divididos em quatro grandes secções: Museografia, Arte ocidental (relações entre a arte francesa e a arte das diferentes nações), Arte oriental e do extremo oriente e História da música (relações entre as diversas escolas nacionais e a escola francesa).

— São eles?...

— Henri Lemonier, André Michel, professor do Colégio de França, Pierre Marcel, professor da escola nacional de Belas Artes, Reinach, etc. Além disso, o Congresso é organizado por iniciativa da Sociedade de História de Arte francesa e sob os auspícios do Conselho da Universidade de Paris...

O sr. Almeida Moreira calou-se de súbito, levou-nos a uma vitrina e apontou-nos umas miniaturas interessantíssimas.

— Quem é o autor? — interrogámos curiosos.

— José de Almeida Furtado, conhecido pelo Gato.

Examinámos de perto uma miniatura. Era um verdadeiro retrato. A cor perfeitamente distribuída, o sombreado justo, o rosto pleno de expressão.

— E além de ser um explêndido miniaturista — acrescentou o criterioso colecionador — era um pintor correcto, como se pode ver naquele quadro.

Indicou-nos então um retrato de mulher que pendia na parede. Representava uma senhora de meia idade, o lábio superior coberto por um buço rasoável e fêmeo a impressão de que contemplávamos um quadro realista dos séculos XIX.

— Em que época viveu este pintor?

— Perguntámos.

— Nos finais do século XVIII, principios do século XIX.

Ceia, onde o Afonso Costa leva negadamente as notícias da capital.

Ficámos durante algum tempo maravilhados com a segurança da técnica e a intensidade da cor. Depois fomos até à janela da catedral ver os últimos efeitos da trovada que se afastava de Viseu.

— Lá ao fundo a Serra da Estrela, muito nitida, iluminada pelo sol...

— Vê aliéna aquela casaria branca? — perguntou o nosso amável e valioso cicerone.

— Não vimos a princípio. Por fim lá descobrimos no dorso da serra um grupo de habitações brancas a brilhar ao sol, como louça vidrada.

— Aquilo é que devia ir abajo — disse o sr. capitão Almeida Moreira.

— E o edifício da prisão, pardo e quadrangular como uma calha de charutos, a desmanchar o conjunto da Serra.

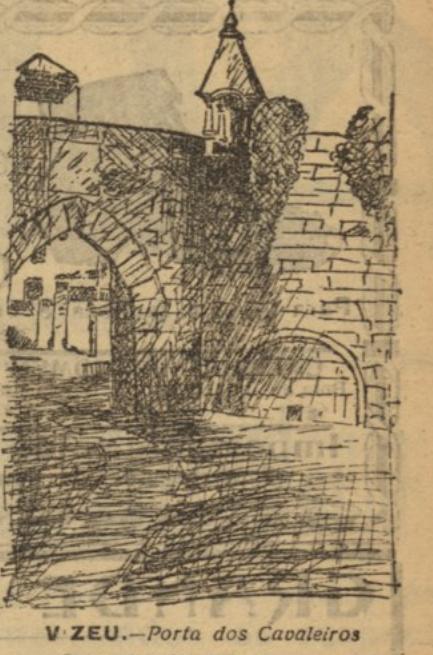
— Devia ir abajo — prosseguiu o sr. Almeida Moreira, que nos estendia a mão em sinal de despedida (o inevitável aperto de mão do final das entrevistas) — devia ir abajo, para reconstruir aquela antiga torre, que um bárbaro qual devorou.

— E ali está o Afonso — murmurámos.

O sr. Almeida Moreira, disse apenas em voz baixa, imperceptível:

— E.

Outro silêncio longo. Os nossos olhos, sedentos de beleza, percorreram a paisagem que se avistava em redor. Em Viseu chovia e os campos, as estradas sinuosas, os prados verdes e extensos, os amontoados de casas aqui e ali, estavam envoltos em densa bruma. som-



VISEU — Porta dos Cavaleiros



Sapataria Imperial
34, Rua do Rato, 36
LISBOA
CALÇADO BARATO

Para homem, senhora e criança
de todas as qualidades e modelos
CALÇADO DE HOMEM **CALÇADO DE SENHORA**
Bota de calce preto..... 21\$00 Sapato preto de 1.ª a..... 11\$00
..... de cós..... 28\$00 verniz pelica a..... 15\$00
Importante saldo Botas de vitela branca a 15\$00
Ecarregue-se de concertos de tóda a espécie

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1921

Seguros de incêndio de searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de Companhias estrangeiras COBRA SÓ METADE DOS PREMIOS ate aqui esta bebedos nos seguros de cereais e palhas.

ALEM DISSO, A MUNDIAL NADA COBRA a título de ENCARGOS ou contribuições pois que estas são por elas integralmente pagas.



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 Reservas: 640.696\$14,7
SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO
Rua Garrett, 95 - Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

GRANDE ARMAZEM DE CALÇADO

21, Largo Rodrigues de Freitas, 21-Á
(Antigo Arcos de Santo André) Telf. C-1384

Grande sortido em calçado para homem, senhora e criança

FÁBRICA MANUAL

Grande saldo de sandálias

Sandálias para criança desde 39\$00
..... senhora..... 55\$00
..... homem..... 67\$00

Calçado para homem

Bota de vitela branca desde 15\$00
..... americana..... 18\$00
..... de cós de 1.ª a..... 27\$00
..... de cós de 2.ª a..... 27\$00
..... de 2.ª a..... 27\$00

Calçado para senhora

Sapato de pelica desde 11\$00
..... calçado preto, desde..... 13\$00
..... de cós, a..... 18\$00
..... verniz, desde..... 17\$00

Há também grande sortimento de calçado da moda por preços sem competência

PARA HOMENS... SENHORAS... CRIANÇAS...

Vendemos o melhor calçado ao preço mais barato. Para se convencer visite o leitor o nosso estabelecimento

Pavilhão Americano ◊ António Martins Leão ◊
77 — RUA MARQUÊS ALEGRETE — 77

Preços e condições especiais para revenda. Fornecimentos completos para sapatarias. As cooperativas tem grande interesse em consultar os nossos preços e condições.

SAIDAL

E o agente único capaz de transformar esta sociedade rústica e solitária em sociedade forte e progressista, com os seus (temperos nem defeitos) e Infalível porque, além da sua ação química, é o único que tem a ação mecânica de fechar hermeticamente o têxtil. Acaba directamente com o aborto, as doenças venéreas e o número exagerado de filhos que se não podem bem criar e educar, e indirectamente com o alcoolismo, a tísica, a sífilis, etc., etc., evitando-lhes os descendentes.

Cura intimamente as purgações, por mais antigas, em ambos os sexos.

FARMÁCIA CABRAL, Suc.º — Pampulha — Lisboa

AOS OPERÁRIOS

Quereis fumar barato? Fazei as vossas compras

Tabacaria Francfort

RUA DA ASSUNÇÃO, 68

Maços com 20 cigarros desde 320 réis

Tabaco em Fio desde 300 réis o pacote

Grande variedade de marcas

Nicolau Gomes Correia

Acaba de receber um grande sortimento de cheviotes gênero-ingles, estambres, casimiras e alpaca. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, parashorecas, sacos. Um grande sortimento de kakis

AVIAMENTOS — PARA ALFAIAES

Venda em leilão de uma porção de adubo na estação de Beja

Faz-se público de que, no dia 29 do corrente, a partir das 10 horas, na estação de Beja proceder-se-há a venda pública de uma porção de adubo, remessa de p. v. n.º 14.928 de Barreiro à Beja.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer, sobre a base de licitação de 300\$00.

Beja, 21 de Setembro de 1921. — O chefe do serviço de tráfego. — J. V. da Bocage Lima.

Bua dos Panqueiros, 255

Dr. Afonso Manacas

Sifilis, Coração e Pulmões, Clínica geral e de Crânios. Todos os dias 18 horas. **CLASSE POBRE**.

Rua do Amparo, 82, 1.º Tel.: Con- tral 2658

A grande Baixa de Calçado

Sapataria Social Operária

Sapatos em calce-preto para senhora

..... 11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos

..... 20\$00

Botas-calf-preto grandes

..... 21\$00

Botas-calf-preto com duas solas

..... 22\$50

Grande saldo de botas pretas para homem

..... 17\$00

Grande saldo de botas brancas

..... 16\$15

Um colossal sortimento em calçado para crianças

Grande saldo de botas de cós para homem a..... 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial n.º 09

Aos Ferroviários

da Companhia Portuguesa

Hipólio & Artur da Silva com alfaiaaria na rua do Marechal Saldanha, 22 e 24, ao Calhariz, participam aos ex.ºs empregados que, sendo fornecedores da mesma companhia, esperam receber as suas estimáveis ordens, o que muito agradecem.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

AVISO AO PÚBLICO

Venda em leilão de uma porção de adubo na estação de Beja

Faz-se público de que, no dia 29 do corrente, a partir das 10 horas, na estação de Beja proceder-se-há a venda pública de conformidade com os regulamentos de uma porção de adubo, remessa de p. v. n.º 14.928 de Barreiro à Beja.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer, sobre a base de licitação de 300\$00.

Beja, 21 de Setembro de 1921. — O chefe do serviço de tráfego. — J. V. da Bocage Lima.

Bua dos Panqueiros, 255

Dr. Afonso Manacas

Sifilis, Coração e Pulmões, Clínica

geral e de Crânios. Todos os dias

18 horas. **CLASSE POBRE**.

Rua do Amparo, 82, 1.º Tel.: Con- tral 2658

Encontra-se já à venda nas li- vrarias, tabacarias e quiosques

PREÇO \$40

VENDA EXTRAORDINARIA DE SALDOS

○ DE FIM DE ESTAÇÃO ○
OS QUAIS ESTÃO A VENDA
30 a 60% mais barato
EM TODAS AS SECÇÕES

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

LÃS SEDAS

de fantasia, bons desenhos para vestidos. Metro 2\$300
LÃS às riscas e em xadrez, pura lã, largura 1.30. Metro 10\$500

UM GRANDE SALDO DE SARJAS
de pura lã, artigo de bela qualidade para vestidos. Valem o dobro. 5\$500!

Lanifícios para fatos de homem

CHEVIOTES, grande sortido, padrões de efeito. Larg. 1.50. Preço de reclame. 5\$000
CHEVIOTES, de bela qualidade, bons padrões. Metro 7\$000

UM CORTE DE FATO de bom cheviote, padrões da moda, 3 metros por..... 15\$000!

Etamines, cores lisas. Metro 5\$950 e 3\$950

Voiles, Lainete, tecido lavável, padrões de fantasia. Metro 4\$250

CIRCACIANAS A grande moda. Novos padrões, a..... 1\$200!

Chitas, lindos padrões, grande sortido. Metro 1\$250 e 1\$150

Riscados, camiseiros, novos padrões, a..... 1\$000
Cotins, imitação a casemiras, novos padrões. Metro 900 e 1\$450

COBERTORES de fantasia em mésela. 11\$000
PERCAIS

todas as cores para forros. 1\$100 Metro 2\$950

FROUFROUS todos as cores para forros. de algodão, cores lisas para forros. Metro 4\$200

PANOS BRANCOS E CRÙS Patentes brancos finos, excelentes. Metro 950

ENFESTADOS Larg. 1.60. Metro 3\$400
CRUS Larg. 1.80. Metro 3\$800

FATOS de belo cheviote, padrões ingleses, próprios para campo e praia, pronta a vestir. Preço de reclame..... 55\$000!

FATINHOS de lindos tecidos, padrões de fantasia, para crianças de 3 a 10 anos. Preços de reclame a 7\$500, 6\$500, 5\$500 e 4\$500!

Valem muito mais Valem o dobro

UM GRANDE SALDO DE CALÇADO Para homem

Botas, de vitela branca a 19\$400 e 15\$500!

Botas de cós, a..... 20\$000!

Sapatos de trança, a..... 1\$750!

CHAPEUS DE PALHA

CHAPEUS de palha com bons forros e fitas de seda, para rapaz, a..... 25\$00

CHAPEUS DE FELTRO bons forros e fitas de seda para homem, a 10\$000!

CHAPEUS de palha, diversos formatos para criança, a 2\$000!

OUTROS SALDOS

PARA HOMEM

Colarinhos, diversos feitos e medidas. a..... 100

Camisas de cretone inglês, novos padrões a..... 7\$500

Camisas de zefir com colarinho, a..... 3\$950

Alscianas, gravatas de otomane, em cores lisas a..... 1\$800

Fatos de flanela azul, guarnecidos a galão branco, para banho, a..... 28\$500

Suspensórios de bom elástico a..... 1\$250

Altesses de popeline, lindas cores, a..... 1\$200

Peugas com canhão, em cores lisas, a..... 450

Peugas com canhão, cores finas, superiores, a..... 950

Calças de bom pano, a..... 3\$850

Saias de bom pano, com bordados e entre-mesos, a..... 9\$000

Fatos de flanela azul, guarnecidos a galão branco, para banho, a..... 28\$500

Luvas de pelica, com pequenos defeitos, a..... 90